

Caderno de Cultura

Nódoa no Brim

A PROFANAÇÃO DO SAGRADO EM *ENCOSTO*, DE EDUARDO MAHON: LIAMES QUE ROMPEM BARREIRAS DO CORPO E DO ESPÍRITO

Luan Paredes Almeida Alves (UNEMAT)

Fábio Júnio Vieira da Silva (UNEMAT)



Formular reflexões acerca da subversão na espiritualidade é tarefa árdua na medida em que enveredamos sobre o incógnito. Nesse ínterim, a literatura brasileira trouxe-nos, na última publicação de Eduardo Mahon, um forte exemplo de como a manifestação literária consegue quebrar vínculos com o senso comum. A coletânea intitulada *Contos Estranhos*, que reúne 35 contos e uma novela, numa edição bilíngue, traz diversas questões que pendem entre a libido transgressora, o absurdo e os interditos que são próprios da contemporaneidade.

Contista, poeta, romancista, advogado, membro da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon conta com várias publicações nos últimos anos. Escritor múltiplo, publicou tanto na prosa, quanto na poesia. No que tange à última obra, temos um trabalho cujo estilo toma como referência o realismo fantástico, algo já trabalhado pelo autor em *Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte*, de 2014. Os insólitos casos dos contos de Mahon partem de premissas que vão desde acontecimentos banais e desfechos contraditórios, em que o bizarro pode ser explicado, a circunstâncias sobre-humanas, chegando a transcender o campo do contrassenso.

De acordo com Todorov (2008), a essência do fantástico se encontra ao nos depararmos, na literatura, com um mundo tal qual o nosso, mas cujos acontecimentos não podem ser explicados pelas leis naturais que conhecemos. No caso dos contos que recaem sobre esses aspectos, a realidade presente seria regida por leis desconhecidas. O que se averigua numa situação como a do conto *Encosto*, em que há a união sexual em duas instâncias: uma corpórea e outra não-corpórea. A explicação racional de tal acontecimento foge à lógica factual, no entanto, dentro do conto, torna-se totalmente possível devido à mediunidade da protagonista.

Encontramo-nos em meio a um terreno bastante escorregadio ao procurarmos analisar um conto fantástico a partir de uma perspectiva advinda de uma visão de mundo que relega o sobrenatural à categoria do engano. Em vista disso, nada mais natural do que nos aprofundarmos na *diegese* contística sem nos preocuparmos com o limiar existente entre o verossímil e o inverossímil, apoiando, desse modo, nossas reflexões a partir do princípio de que os acontecimentos narrados se bastam. Tal ponto de partida é importante para não incorrerem no risco de invalidar o enredo ou o taxarmos de inconsistente devido a um olhar mais enviesado.

A Tormenta

Vera Randazzo

Sim, ele a beijava loucamente e sua lua de mel não tinha fim quando ele estava perto, mas embora a lembrança do seu rápido romance a inebriasse, tinha medo que justamente a impulsividade e a impaciência dele, o fizesse um dia olhar outra mulher. E ela sabia o que isso podia ser! E foi justamente isso que ela soube um dia, quando com detalhes vieram contar que em certa viagem ele conhecera uma loira, divorciada e estrangeira e agora não saía da fazenda onde ele estava, à beira do rio Paraguai, bem ao sul do Estado.

Ai, meu Deus, que agonia a espera naquele dia e quando ele chegou em casa e cantarolando entrou no quarto para beijá-la como sempre, ela, com uma fúria, os olhos soltando chispas de ódio acusou-o aos gritos. Como que ferido por um raio e muito pálido, ele negou tudo, mas ela não quis acreditar e assim passaram uma noite horrível. Mas o pior foram os dias seguintes, ela não cedendo nunca e ele ficando até mais tarde pelos bares ou sabe lá onde.

Hoje ela sabe que deveria escutá-lo e acreditar nele não deveria nunca ouvir a voz da insídia e da inveja ou fosse lá o que fosse. Soube, mais tarde, que o desespero o tinha levado a beber sem ter disso hábito. Mas o pior de tudo foi o que ela lhe disse num momento que jamais esquecerá: que também tinha tido tempo para outro!

Antonieta sem fazer nenhum gesto com as mãos ainda imóveis lembra num estremecimento o olhar do marido cravado nos seus e o bater na porta. Um temporal se avizinhava no horizonte, mas mesmo assim, ela ouviu em seguida o ronco do avião do marido.

E enquanto pensava em desespero, com um lenço amarfanhado nas mãos que confirmando suas suspeitas ele teria ido para a loira, viu pela janela aberta, o avião sumir ao norte, justamente entre as nuvens pardacentas.

Nunca mais o viu! Nunca mais seu olhar a fitou com amor!

Quando o pequeno avião despedaçou-se na serra do Tombador, dentro do crepúsculo chuvoso, despedaçou também toda a sua vida. Só que ela sabia o que o tinha levado a sair com tanta insensatez e sabia que a dor ela a carregaria para sempre.

Antonieta descruza as mãos enrugadas e solta profundo suspiro. Lá fora uma tormenta próxima e como fez há mais de vinte anos, olha longamente para as nuvens cinzentas e entremeadas de relâmpagos, inutilmente!

RANDAZZO, Vera Yolanda. **Contos e Crônicas**. In: Vozes Femininas. V.6. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008.



Com as mãos entrecruzadas numa imobilidade de pombas mortas, Antonieta relembra o passado e cada palavra, cada gesto de outrora, volta ao presente, numa angústia que não tem fim, pois não há nada que possa apagar o que foi.

Vê o momento em que um jovem, alto e de olhos escuros num rosto um tanto magro. Entra no quarto e abraça-a com sofreguidão. E ela sentindo um enorme esmorecimento, fechava os olhos à espera do beijo. Dois anos de casada e quando era tocada pelo marido, fosse pelo olhar, fosse pelas mãos, sentia a mesma emoção que tinha sentido quando o conhecera, na fazenda do seu tio Olavo, onde passava as férias estudantis.

Foi num dia de tormenta próxima que viram um pequeno teco-teco que em círculo cada vez mais baixo, procurava um lugar para aterrissar. Era quase ao anoitecer e o tio e o resto do pessoal correram logo com panos brancos e lanternas acesas, guiaram o aviãozinho para o piquete onde os bezerros esbaforidos, atropelavam-se na porteira.

O piloto que estava perdido e com o avião já sem gasolina, sentiu-se protegido pela sorte por ter encontrado essa fazenda e abraçou todo o mundo entre emocionado e feliz.

Antonieta por sua vez sentiu-se personagem de uma crônica de amor, quando o rapaz, que era jovem e belo, após as muitas conversas sobre sua peripécia e depois do jantar demorado, debruçou-se à mesma janela em que ela estava e ficou contemplando a chuva que caía aos borbotões, enquanto como por casualidade, acariciou-lhe as mãos.

Pois foi nessa fazenda à beira do Rio Manso que iniciaram o namoro que continuou depois em Cuiabá, entre viagens aéreas e os estudos dela que se preparava para ser professora.

Estudava antes, porque depois não fez mais nada a não ser pensar em seu aviador com seus olhos escuros que a fitavam ardentemente enquanto procurava beijá-la sempre, mesmo nas horas que sua mãe andava por perto, o que a confundia toda e a fazia enrubescer.

Pois, se casaram e o tule cobria seu rosto de noiva, Antonieta comparou às nuvens que um dia trazido seu amor!

E como ela o amava!

Sim, ele também a amava, mas eram tão compridas as horas que suas viagens o separavam dela, quando levava fazendeiros para suas propriedades no Pantanal ou compradores de terras ou diamantes que iam para este ou aquele lugar que Antonieta, tinha tempo de sobra para sentir ciúmes.

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-SERRA DA NOTÍCIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wldiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II - Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

A PROFANAÇÃO DO SAGRADO EM *ENCOSTO*, DE EDUARDO MAHON: LIAMES QUE ROMPEM BARREIRAS DO CORPO E DO ESPÍRITO

Luan Paredes Almeida Alves (UNEMAT)

Fábio Júnio Vieira da Silva (UNEMAT)

A protagonista, que, em *Encosto*, não apresenta nome, apenas sendo identificada como “médium”, era, como bem menciona o narrador, uma *persona non grata*. A justificativa para tal termo está no fato de que a médium se relacionava sexualmente com espíritos. A complicação para a história advém da existência de um certo grau de infidelidade por parte da personagem: ela possuía dois amantes. Essa necessidade dual apresenta-se pela assimetria que um espírito tinha em relação ao outro: *Das muitas almas com as quais conversava frequentemente, apaixonara-se perdidamente por Alfredo e Henrique, teimando na infidelidade de um para com o outro. Alfredo era um homem alto e magro, um médico de meia-idade que desencarnara há mais de oitenta anos. Henrique, ao contrário, havia três anos que se espatifara num poste em alta velocidade com a moto, num racha com o melhor amigo. Bonitão, vestia-se de jaqueta de couro, calça desbotada e levava um brinco de ouro na orelha esquerda. Estava dividida. Mas era a diversidade que excitava a sensitiva.* (MAHON, 2017, p. 62).

A diferença entre Alfredo e Henrique acentuava-se no tratamento deles em relação à médium. Enquanto Alfredo representava um amor calmo, sem truculência, Henrique representava o amor violento, desinteressado. A linguagem que permeia a descrição do ato sexual dos espíritos se difere conforme a personalidade de cada um. As passagens que remetem à delicadeza, aos movimentos lentos de um, se chocam com as estocadas, os apertos, as mordidas de outro. A satisfação sexual da protagonista rompe com os interditos relacionados ao prazer feminino, trazendo à tona dois lados de um erotismo ora prazenteiro, amoroso, ora sófrego, animalesco.

O dualismo também se afigura nos liames entre vida e morte. A ideia de reprodução como geradora de vida é rompida no instante em que a relação sexual torna-se apenas simulacro para obtenção do prazer carnal. Não há dois corpos que se unem, mas um corpo e a manifestação gélida de um espírito. Esse relacionamento antitético funde duas instâncias que, por serem antagônicas, formulam uma nova forma de olhar para a sexualidade em vista da morte.

Outrossim, satisfação seria a palavra de ordem, entregar corpo e espírito em relacionamentos que fogem à realidade estabelecida. As inquietações que parecem tão banais e tão sacrossantas da sociedade, as quais o contista denomina de “cabrestos éticos”, via de regra são tão sagrados que romper com eles significaria não fazer parte da comunidade. Por isso a personagem não era benquista. Como consequência da quebra de padrões, a médium foi proscrita, renegada do seu meio. A justificativa para tal anátema dá-se de maneira absurda: Alfredo, amante que morrera há 80 anos, era casado. É claro que para a médium, a explicação, baseada em um fundamento dos vivos, não caberia aos mortos, mas o protesto foi em vão: “Para os caretas, gente viva não se dava com gente morta. E ponto final. [...] Foi apontada como imoral, irresponsável, demente” (MAHON, 2017, p. 63). A ironia que permeia esse entrave flui como crítica ao conservadorismo religioso que, mesmo em face do ilógico, opta pela indiferença.

Para o desfecho do conto, há um rompimento brusco devido a uma tomada de consciência por parte da personagem sensitiva. Sentindo um cheiro de perfume familiar, a protagonista vai atrás da entidade que adentrou a sua casa e encontra o seu ex-marido nu, sobre a cama. A médium não sabia da morte do ex-cônjuge, mas o encontro inesperado fez com que ela repensasse sobre a sua índole no mundo dos espíritos. Para fugir do encosto e acabar com o seu relacionamento bígamo, a protagonista toma como resposta a conversão numa igreja evangélica.

A temática da bigamia entre corpo e espírito já foi visitada outras vezes pela literatura. Podemos citar, como exemplo, o enredo de *Dona Flor e seus Dois Maridos*, de 1966. O livro de Jorge Amado trata de questões similares ao conto *Encosto*. Vadinho, marido falecido de dona Flor, retorna do mundo dos mortos e passa a coabitar a casa onde vivia, mas agora compartilhando o leito de sua esposa e o novo marido dela: Teodoro. A dualidade entre os dois maridos também parte de uma assimetria. Vadinho era viril, uma potência sexual. Teodoro, além de ter mais idade que dona Flor, preferia uma relação mais pacata. O fato de Vadinho poder manter relações sexuais, mesmo na forma de

espírito, afere a existência de um arquétipo esotérico em comum entre as personagens do conto em análise e a obra modernista.

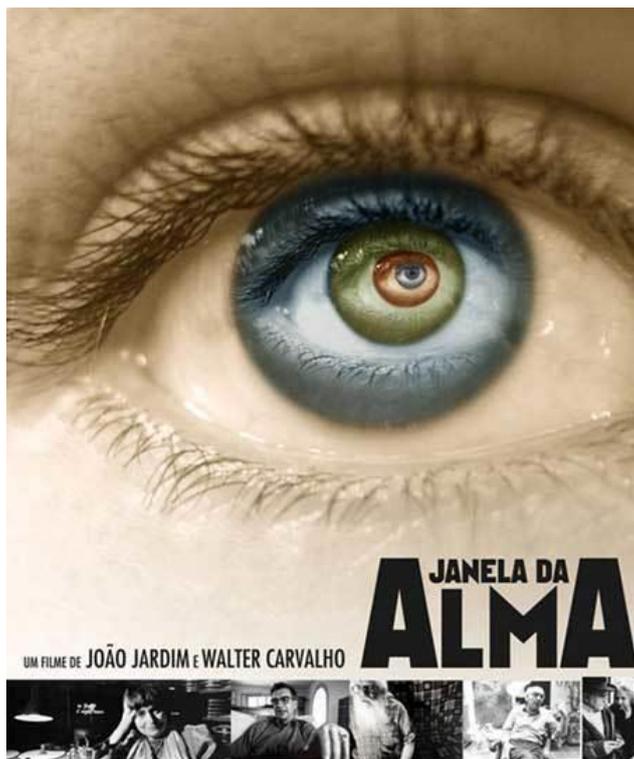
A ideia de uma epifania sexual — cabendo aqui a distinção de epifania, como deslumbramento, e epifania como manifestação reveladora de algum deus ou entidade — é algo já consolidado por uma longa tradição mitológica. Na Grécia antiga, eram comuns as histórias de deuses que, ao se relacionarem com mortais, produziam descendentes denominados semideuses, como Perseu, filho de Zeus, ou Teseu, filho de Poseidon. No campo do cristianismo, temos a história de Maria, que concebeu Jesus, filho de Deus, ainda virgem. Vários são os exemplos que os mitos nos trazem. No caso do conto em análise, as entidades que visitavam a médium não eram deuses, mas espíritos cujas intenções não tinham como fim a reprodução, mas o gozo venéreo. Segundo Catonné (1994, p. 20), “o erotismo caracteriza-se por sua ausência de preocupação procriativa”, logo, nesse sentido, o prazer se sobrepõe ao princípio de conservação da espécie.

Por fim, a ruptura de paradigmas faz parte de um processo próprio da contemporaneidade. A subversão de tradições e valores, como podemos notar no conto de Mahon, é uma tendência que vê a realidade como algo absurdo. A falta de pudor das personagens de seus contos, aliado às críticas às várias facetas das relações sociais, compõem a *corpora* singular com que o autor confere criatividade às suas produções. Por meio de uma escrita fluida, sem parágrafos ou marcas gráficas de discurso como aspas ou travessão, Mahon desconstrói o sacrossanto para, por intermédio do profano, abalzar uma nova forma de ver a totalidade.



Janela da Alma

Caio Augusto Ribeiro (UFMT)



integram a lista de depoentes. Enxergar é óbvio, e toda essa obviedade atrofia, arrisco em dizer, quase que metade da nossa experiência com o mundo. Hoje, ver substitui majoritariamente o toque, o cheiro. É um contentamento ridículo este que temos com o visual. É na visão que são colocados os nossos padrões, aliás, caminhamos cada vez mais para um futuro visual e nada sensorial. *Ver*, passará a ser o ato reconhecer os padrões que nos serão ensinados a qualquer custo.

Janela da Alma é um convite a abrir os olhos. Toda vez que você olha para alguém, você se reflete no olho desta pessoa. Você está se enxergando. E este documentário proporciona esta experiência, pois coloca a *visão* num patamar de algo *desinteressante*. Através das experiências das pessoas com algum grau de deficiência visual – que varia de uma simples miopia até uma cegueira total – a nossa maneira de ver o mundo torna-se, por completo, uma coisa tão óbvia e sem nenhum chamariz. Não estou afirmando que ter uma boa visão e ótima saúde ocular é algo ruim, mas como o excesso visual causa certo *atrofiar* em nossa experiência de vida (e isso se comprova durante o documentário), pois somos conduzidos a enxergar as mesmas situações, mas desta vez interpretadas por *sentidos* diferentes. Como seria uma exposição fotográfica feita por um fotógrafo cego? Seria a fotografia uma exclusividade daqueles que enxergam?

Este documentário é uma preciosidade para subverter todos os padrões do que é enxergar, e inspira uma tentativa de libertação da escravidão que a visão nos toma. Pense, por exemplo, que a experiência de um cego com a leitura não é visual, mas pelo tato. Um cego sente a *palavra* com as mãos, com a pele na ponta dos dedos. Qual o impacto que isso tem para a poesia? Quão vasto pode ser o mundo se fecharmos os olhos e tentarmos vivê-lo com outros artificios? Experimente o mundo por outros meios. Use as mãos para ver o que é belo; use a audição para encarar uma paisagem; feche os olhos para ver melhor.

Janela da Alma (2001) é um documentário franco-brasileiro dos diretores João Jardim e Walter Carvalho. O *doc* consiste em uma série de depoimentos de pessoas que sofrem em algum grau com problemas de visão. Manoel de Barros, José Saramago e Win Wenders

Livro de Cabeceira

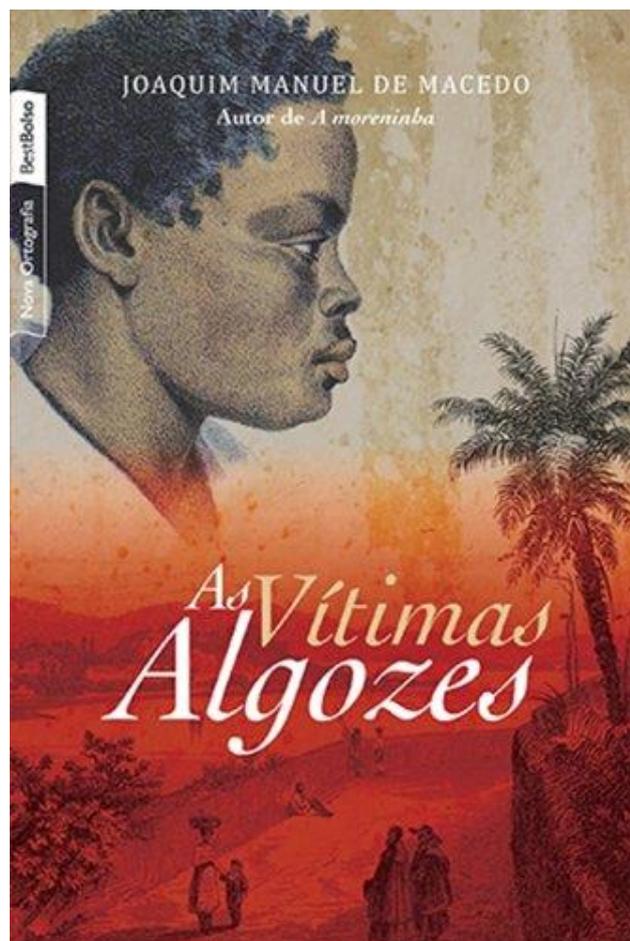
As Vítimas-Algozes: quadros da escravidão

José Carlos Samsa Patricio (PPGEL/UNEMAT)

Lançada em 1869, dezenove anos antes da abolição da escravatura, a obra *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*, de Joaquim Manuel de Macedo, convida-nos a refletir sobre o momento de efervescência política e cultural que assolava o país. Composta por três novelas, a obra traz o negro escravizado como um mal que assola a sociedade, em geral, e a família, em particular. Nesse entremeio, vislumbrar laivos das teorias racista europeias de meados e final do século XIX torna-se tarefa fácil, haja vista que os personagens escravizados estarão no limiar do cultural e social que a sociedade tinha como parâmetro. Nesse diapasão, os cativos serão boçais, rudes, cruéis e lascivos. Desse emaranhado de adjetivos, cabe à classe senhorial esperar dos negros escravizados apenas o perigo constante.

O exposto acima subsidia os personagens com perfis maléficis, bem como suas ações. Assim, na primeira novela, *Simeão – o crioulo*, temos um negro que mesmo sendo criado pela família senhorial, assassina a todos sem pesar de consciência; ainda ancorado no perigo físico, *Pai-Raiol – o feiticeiro*, a segunda novela, trará o conluio de dois escravizados para assassinar os senhores e tomarem a casa senhorial; partindo do perigo físico para o perigo moral, em *Lucinda – a mucama*, a trama gira em torno de Cândida, a sinhazinha que influenciada por sua mucama acaba por perverter-se.

Como parte de seu intento, o narrador, ao finalizar as novelas, institui como única alternativa para livra-se do perigo negro constante, a abolição da escravatura, pois dessa maneira sua tese coadunava-se com a corrente humanitária que pregava o fim do cativeiro, ao mesmo tempo que, tendo como base as teorias racistas científicas, deixava entrever o perigo representado pelo negro, já que esse era tido como bárbaro, ou seja, estava um estágio anterior a civilização.



ROMANTISMO LITERÁRIO EM QUESTÃO: ENTREVISTA COM CILAINE ALVES CUNHA

Samuel Lima (PPGEL/UNEMAT)

O **Nódoa no Brim** conversou com a professora Livre-Docente da Universidade de São Paulo, Cilaine Alves, especialista em Literatura Romântica. Dentre tantos trabalhos relevantes publicados na área, destacam-se o livro *O Belo e o Disforme: Álvares de Azevedo e a Ironia Romântica*, bem como a organização da obra *Macário e Noite na Taverna*, publicada pela Editora Globo.

Nódoa no Brim: Professora, sua trajetória profissional é marcada pelo olhar na Literatura Romântica, tendo publicado um arsenal de trabalhos sobre o referido movimento literário. Como surgiu o interesse por essa área de concentração de estudos?

Surgiu na graduação, tornando-se tema de meu trabalho de conclusão de curso. Lendo a bibliografia, percebi que as práticas literárias e a teoria estética romântica constituem um mundo vasto, heterogêneo, mediado por tensões insolúveis. O romantismo concentrou em poucos anos um conjunto de modificações na filosofia, na história, nas artes e na cultura em geral que alteraram substancialmente os costumes, com tamanha complexidade que torna impossível a pretensão de sintetizar essas modificações por meio de um olhar de compêndio. Paul Valéry afirma que perde o juízo e o rigor quem pensa *ser possível definir o romantismo*. Na década de 1980, Antonio Candido ministrou um curso de pós-graduação sobre o assunto. Num dos áudios desse curso, ainda inédito em livro, diz que o romantismo, embora amplamente definido, permaneceu, no entanto, mal compreendido. Para ele, a caracterização do romantismo com um período em que os rapazes morrem cedo, as moças choram facilmente, no qual se cultua a lua e em que há exageros sentimentais etc. que tudo isso é verdadeiro, mas esclarece apenas um de seus aspectos. Por cultivar tantas tensões e contradições, seja como prática artística ou como forma de pensamento, o século XIX romântico constitui um campo fascinante e infindável para o pesquisador.

N.B.: Em suas pesquisas, é possível notar uma verticalização para a literatura escrita por Álvares de Azevedo (1831-1852). O que mais lhe chama atenção no autor?

Minha dissertação de mestrado foi dedicada ao estudo da obra dele. No doutorado, continuei a pesquisa sobre Álvares de Azevedo, mas incluí também Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães. Mais recentemente, tratei de **As memórias de um sargento de milícias**, do Manuel Antônio de Almeida, de contos de Machado de Assis e de **O Guesa**, de Sousaândrade. Escrevi também sobre alguns tópicos que perpassam o século XIX, como a ironia romântica, o historicismo, as teorias do sublime, as diferentes concepções de amor, o culto do ócio e outros. Em Álvares de Azevedo me encantam a modernidade de sua obra, seu senso de liberdade e sua paixão por uma vida condicionada pela arte. Como característica moderna, destaco em sua obra ficcional e teórica, a reflexão sobre as condições históricas da arte, sobre as práticas artísticas antigas, as do tempo romântico e sobre seus próprios temas poéticos, muitas vezes de modo impiedosamente crítico. Seu senso de liberdade pode ser observado em seu agudo relativismo histórico, em sua compreensão de que, de acordo com o historicismo de Herder, as regras da arte e as formas artísticas são condicionadas historicamente, modificando-se em sintonia com as transformações sociais. Mas também no enfrentamento que empreendeu contra as convenções morais que engessavam a vida, como se vê em **Macário** e em **Noite na taverna**, e em sua contestação da monarquia, presente em seus discursos acadêmicos e no poema “Rex Lugebit”. Azevedo pensa a arte como uma força vital, como um fenômeno que vivifica o ânimo. Essa paixão pelo exercício da composição artística aparece no célebre verso “Foi poeta – sonhou – e amou na vida”, do poema “Lembrança de morrer”, compreendendo o mundo onírico como um correlato da imaginação e da arte. No poema “Ideias íntimas”, encontram-se os versos “Ali na alcova/ Em águas negras se levanta a ilha/ Romântica, sombria à flor das ondas/ De um rio que se perde na floresta...”. Aí o romantismo surge como uma estética natimorta, mas sublime. A voz que fala nesse poema é a de um poeta estudante que se embebeda durante a composição e a leitura do poema. Trata-se de um sujeito lírico dividido entre, de um lado, a dedicação ao curso de Direito, mas que anseia, de outro, por se entregar exclusivamente ao exercício da fantasia poética. Ele manifesta aí sua descrença com as modas artísticas, mesmo com vigência das regras e de práticas românticas que, para ele, já

eram convencionais. Azevedo busca a criação de uma poesia original e nova, que ainda não possui lastro na tradição. No poema “Lélia”, a personagem alegoriza o princípio da arte como uma pulsão vital, bela, mas avassaladora, sinistra, niilista, grotesca, fria e até mesmo mórbida.

N.B.: No que se refere à atual produção crítica sobre o Romantismo, surgiram novas interpretações do movimento romântico, ou se tem caído na repetição de temáticas já estudadas?

Seguramente a pesquisa atual promoveu uma renovação inesperada na compreensão do romantismo. Até a década de 1980, prevalecia o estudo de autores e temas do nacionalismo romântico oficial e monárquico, do grupo de escritores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a d. Pedro II, tópico principal das historiografias literárias do século XIX. Elas reduziram o romantismo brasileiro à afirmação do nacionalismo, ao culto do sentimento e da sensibilidade, à unidade fornecida pela melancolia, lamentação e, em muitos casos, à reprodução da ideologia representativa da burguesia agrária e escravocrata. Essa historiografia e outras que lhe seguiram silenciaram-se, por exemplo, o abolicionismo do jovem Gonçalves Dias, de Joaquim Serra e Luiz Gama. Tampouco valorizou a crítica da ideia de progresso presente em alguns autores. Desconsideraram a sátira do discurso romântico convencional e das concepções iluministas, realizada por Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Joaquim Serra, Luiz Gama, entre outros. Em consequência, até hoje se diz que **Memórias de um sargento de milícias**, de Manoel Antônio de Almeida, e **O Guesa**, de Sousaândrade, são obras fora de seu tempo, avaliados respectivamente como “antecipador” do realismo, ou das vanguardas estéticas dos anos de 1960. Como essas obras criticam a política monárquica e os exageros sentimentais do tempo, alguns críticos interpretaram-nas como se fossem extemporâneas ao romantismo. Nas últimas décadas de 1980, surgiram pesquisas sobre os principais autores da filosofia estética do romantismo que possibilitaram uma compreensão mais pertinente desse movimento. Além de estudos sobre a *Crítica do juízo de Kant*, obra indispensável aos estudos da teoria romântica, passaram a circular excelentes textos sobre esse período, como os de Walter Benjamin, Mário Praz, Lacoue-Labarthe, Jean-Luc Nancy, Isaiah Berlin, M. H. Abrams, Charles Rosen, Peter Szondi, Paulo D’Ángelo, Michel Löwy e José-Luís Diaz. Como exemplo, pode-se notar que **Romantismo no Brasil**, de Antonio Candido, apresenta um vetor distinto do de **Formação da literatura brasileira**. O primeiro foi redigido entre 1989 e 1990. Da mesma forma que os artigos de **Na sala de aula** (1985) e **Educação pela noite** (1987), **Romantismo no Brasil** destaca os fundamentos teóricos, os gêneros e os procedimentos formais típicos da estética romântica, a dissonância entre os diferentes grupos, sem desconsiderar o eixo temático central de **Formação**, isto é, o desejo dos escritores românticos de criarem uma literatura nacional própria. Em **Vale quanto pesa** (1982), um artigo de Silvano Santiago delimita a função do realismo de José de Alencar em sua função específica. Os artigos de Alfredo Bosi, em **Dialética da colonização** (1992), traçando um balanço crítico do pensamento escravista de José de Alencar e do abolicionismo de Castro Alves também abriram espaço para novas pesquisas. Trabalhos de Manoel Luiz Salgado Guimarães, como **Historiografia e nação no Brasil** (2011), redimensionaram os estudos sobre a historiografia romântica e o nacionalismo literário do século XIX. Os romances satíricos de Joaquim Manuel de Macedo foram objeto de diferentes pesquisas e do ensaio “O sobrinho pelo tio” (1995), de Flora Sussekind. Trabalhos acadêmicos foram recentemente realizados sobre aspectos pouco abordados da obra de escritores românticos já consagrados. Pesquisam-se também outros autores e autoras sobre os quais pouco ou nem se falava, como Luiz Gama, Joaquim Serra, Sousaândrade, Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Delia, Narcisa Amália e Pedro Calazans. O ensaio sobre Bernardo Guimarães, de Luiz Costa Lima (**Pensando nos trópicos**, 1991), e o de Flora Sussekind (**Papéis colados**, 1993) deslocaram a recepção e os estudos sobre esse poeta. De diferentes modos, redimensionaram o conjunto da obra de Bernardo Guimarães, diminuindo a importância de seus romances e valorizando de forma inaudita sua produção poética, abrindo espaço para pesquisas sobre a sátira e outros procedimentos ficcionais desse escritor. Surgiram ainda estudos sobre princípios formais típicos do tempo romântico, como o sublime, o historicismo, o texto formalmente irônico, a imaginação romântica, o grotesco, o modo próprio de as práticas letradas

ROMANTISMO LITERÁRIO EM QUESTÃO: ENTREVISTA COM CILAINE ALVES CUNHA

Samuel Lima (PPGEL/UNEMAT)

do tempo representarem a realidade etc. Pesquisaram-se as revistas e jornais literários da época, o diálogo de autores do romantismo brasileiro com os da América e do continente europeu. Há ainda uma revisão da obra de Machado de Assis, considerando o balanço crítico que sua obra faz do romantismo, mas também seu aproveitamento de tópicos românticos.

N.B.: *Levando em consideração que o movimento romântico teve seu início na Alemanha, é possível perceber ecos da base romântica na arte contemporânea alemã?*

Herder, Goethe, Schiller, Hoffman, Hölderlin, Jean Paul Richter, Heine e tantos outros são grandes o suficiente para que não desapareçam sem mais das produções atuais. A modernidade inaugurada pelo romantismo caracteriza-se pela destruição do vínculo que liga o presente ao passado, com a negação da continuidade entre uma e outra geração. A ruptura com as convenções morais e com as regras fixas de construção da obra de arte ocorre paralelamente com o cultivo da contradição, da heterogeneidade e da diversidade, como propõe Octávio Paz. A produção da originalidade autoral e a ruptura com a unilateralidade do pensamento e do conhecimento propiciaram que esse movimento se desenvolvesse por meio de um permanente confronto com as normas artísticas instituídas pela tradição e de um conflito entre o velho e o novo, o antigo e o moderno. O conceito de “romantismo” também supõe uma reflexão própria sobre a arte, seja a da Antiguidade ou da contemporânea. A literatura é intrinsecamente um campo heterogêneo, afeita às transformações socioculturais e a um confronto com a convenção entronizada, o que gera a convivência entre correntes diferentes e concomitantes. No caso do romantismo isso é ainda mais agudo. Sua incorporação da reflexão crítica e sua natureza multifacetária impedem que a unidade prevista numa definição de “estilo de época” dê conta de sua pluralidade. Assim, o processo de criação, expansão e duração dessa estética tornou-se análogo ao processo de produção e obsolescência das mercadorias, de superação de uma tecnologia por outra. A permanente recusa de princípios fixos gerou uma série de posições estéticas divergentes que se anulam continuamente. A modernidade, pautada pelo diapasão do romantismo, reproduziu-se numa sucessão de “ismos”, descartados em um curto espaço de tempo: romantismo, realismo, realismo-naturalismo, decadentismo, simbolismo, impressionismo, expressionismo, surrealismo, modernismo etc. Nessa concepção, abraçada, entre outros, por Octavio Paz, Michel Löwy, Antonio Candido, Oscar Lopes e Antônio José Saraiva, o romantismo constitui a fonte da modernidade: por seu inconformismo com as convenções estabelecidas, pela implosão dos gêneros literários fixos e pela reivindicação de buscar novas experiências estéticas. A convicção de que a linguagem não é natureza, mas pura convenção, insuficiente para dar forma aos pensamentos artísticos, levaram ao procedimento voltado para registrá-los fingindo que eles surgem à medida de sua composição, em textos monologados e meditativos. Privilegia-se, com isso, uma linguagem artística prolixa, modelando um texto fragmentado e inacabado, o que, posteriormente, desemboca na obsessão pela página em branco. Ressalto ainda, como fonte romântica da modernidade, o riso zombeteiro contra as pretensões da metafísica, da teologia e da ciência, contra as tentativas de estabelecer um conhecimento absoluto sobre a vida humana. A reação contra elas favoreceu a paixão pela dúvida, como no poema “O devanear de um cético”, de Bernardo Guimarães. Há ainda a exigência de que a literatura represente os costumes do tempo presente, a valorização do prosaísmo, do verso branco e do poema em prosa. As produções românticas que tematizam o duplo, o aspecto noturno e sinistro da condição humana, a precariedade da construção de nossa identidade individual e de nossa compreensão do mundo, foram objeto das atenções de Freud em suas pesquisas sobre o inconsciente. Mas desde as décadas de 1970 ou 1980, com a globalização, com a ampliação do mercado consumidor internacional e de massas, com a expansão da indústria cultural, operando um controle maior dos espaços culturais pelo entretenimento, os temas da literatura se diversificaram. A esse cenário também se somam a emergência do multiculturalismo e a afirmação de minorias étnicas e de gênero. Observa-se, com isso, uma profusão de tópicos em gêneros artísticos os mais diferentes, dirigidos aos mais diferentes tipos de recepção, em nichos editoriais que atendem à diversidade dos consumidores. Em

meio a literatura contemporânea, há vertentes que decompõem a narrativa tradicional, lançando mão de procedimentos modernos como a colagem, a intertextualidade, a montagem e a ilustração. Há hoje ótimos poetas e romancistas que dialogam com a tradição modernista, procurando construir textos literários que questionam o que está posto, exercendo a capacidade crítica de debater a violência de sempre e a privação da liberdade. Em outros, porém, a negação do estabelecido tornou-se convenção vazia, moeda de troca das práticas artísticas, como Sérgio Sant’Anna ficcionaliza em *Um crime delicado*. Observa-se ainda que algumas produções artísticas contemporâneas justapõem os mais diferentes estilos de épocas distintas, evidenciando que os procedimentos e os gêneros tradicionais continuam sendo repostos, ainda que em bases distintas. Isso pode ser resultado do cansaço com a eterna repetição do novo que se tornou rotina. Mas pode ser também sintoma do esgotamento da função da literatura pensada com a finalidade de lançar dúvidas sobre as contradições humanas e sociais, de sua redução ao entretenimento e a uma espécie de conformismo. Talvez ainda seja cedo para avaliarmos se a modernidade crítica está se esgotando.

N.B.: *Em seu livro O Belo e o Disforme (1998), há um primoroso cuidado com as análises dos textos de Álvares de Azevedo. Como foi o processo de escrita/pesquisa para o livro?*

Vivíamos outros tempos acadêmicos, com maior tempo de pesquisa e menor interferência das agências de fomento. Meu trabalho foi realizado em três anos e meio, no início da década de 1990, num momento em que ainda eram fortes as críticas que expoentes do modernismo brasileiro fizeram à totalidade do romantismo, jogando fora o bebê junto com a água do banho. A maioria das pesquisas de pós-graduação dedicava-se a temas e a autores do século XX, sobretudo modernistas. Naquele momento, me indagavam acerca do interesse em estudar um poeta sobre o qual Mário de Andrade havia dito a suposta “última palavra”. Estava estabelecida a fofoca segundo a qual Álvares de Azevedo tinha medo de amar e que suas poesias apenas traduziriam isso. Assumo minha responsabilidade em relação aos problemas da pesquisa, mas felizmente tive uma ótima orientadora e excelentes professores que me encorajaram a seguir em frente e a não reproduzir, sem mais, o pensado. Me incentivaram a especificar o pensamento poético e a linguagem artística de Álvares de Azevedo, analisando-os de acordo com as condições históricas e artísticas do tempo, evitando assim anacronismos. Beneficiei-me também de esforços anteriores voltados a uma compreensão diferente do romantismo, o que me permitiu, por exemplo, estabelecer relações entre a ironia romântica e a poesia de Álvares de Azevedo.

N.B.: *Por fim, o Nódoa no Brim agradece sua colaboração, desejando saber quais palavras a senhora deixa para os pesquisadores que se debruçam sobre a literatura produzida no século XIX?*

Agradeço a oportunidade de discutir esses assuntos nesses tempos horrorosos, suas palavras generosas e as perguntas pertinentes e inteligentes. Aos novos pesquisadores gostaria de dizer que podem e devem criticar aquilo que no romantismo merece ser criticado. Mas que não se deixem desencorajar pelas distorções que ainda hoje se observam na recepção do romantismo no Brasil e de reiterar que ele constitui um campo plural e instigante.

